

ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E JOVENS Comportamento dos responsáveis –03/03/09

É bastante difícil para os adultos, para os familiares, de qualquer classe social, lidar com reações de uma criança ou jovem que não combinem com alegria, felicidade, bom rendimento escolar e atenção nos estudos.



Bater com a cabeça na parede, se jogar pelas escadas, não conseguir se concentrar nos estudos (deficit de atenção?) comportamento agressivo, choro contido, segmento ocular apresentando, em determinadas situações, expressão de pavor, apatia, contração da arcada dentária, encolhimento e contrações corporais (couraças musculares - vide Wilhelm Reich), urinar ou defecar sem controle, acordar assustados ao menor sinal de toque, mentir constantemente e outros sinais de defesa, apesar de serem crianças e jovens inteligentes, ágeis e VIVOS.

Mudanças de comportamento “sem motivo” ou descontrole das funções corporais sem causas físicas ou neurológicas, devem levar pais, familiares, profissionais de educação e saúde a suspeitar que a criança ou jovem pode estar **sofrendo** e tentando ocultar situações de violência física, emocional ou moral e mesmo abusos sexuais.

Como já temos visto durante anos de trabalho em psicoterapia e como professora, a reação dos adultos **costuma ser de punição e não de acolhimento e proteção à vítima.**

Muitas vezes é mais fácil punir crianças e jovens do que verificar as causas de tais reações. Existe inconscientemente e outras vezes de maneira consciente, medo por parte dos adultos, familiares, profissionais de saúde e educação de pesquisar as causas dos comportamentos adversos, pois elas podem tocar em **estruturas de relações e histórias familiares e sociais já sedimentadas ou numa rede de relações já enraizada.**

Fechar os olhos, tapar os ouvidos, ignorar e fazer da criança ou do jovem um “**bode expiatório**” fica mais fácil e conveniente.

Existe mãe que chega ao ponto de colocar ovo quente na vagina da menina quando descobre que ela está “tendo um caso” com um padrasto. O punido não é ele, mas a criança que não tem como se defender e muitas vezes não tem com quem falar. **O medo da punição, exclusão, as culpas e o medo da desestruturação da rede familiar e a dificuldade de se defender** (as meninas não são educadas para se defender, não é mesmo?) faz com que a criança e o jovem se calem e se desestremem emocionalmente e fisicamente. Às vezes há até o despertar, a acentuação e a aceleração de desejos sexuais sem o devido amadurecimento emocional.



A criança e o jovem saudáveis buscam relações de carinho, diálogo e atenção. O prazer no contato é simplesmente busca de afago. Quando a criança e/ou o jovem percebem, muitas vezes sem entender o que está acontecendo, começam a se assustar. Sem conseguir sair da situação de opressão sozinhos alteram seu comportamento e sua aprendizagem também pode ficar comprometida, assim como seu funcionamento corporal-emocional.



O abusador pode ser um adulto, um velhinho muitas vezes muito “moralista” independente de gênero e etnia. Agente perverso percebe e usa as reações de medo e paralisação da criança ou jovem e a situação de desamparo dos mesmos. Dessa forma continua com seu ato perverso. Não é raro tentar denegrir a imagem de seu objeto de uso.

Temos ouvido e visto na mídia casos de uso de crianças e jovens. Às vezes chega a ameaça de morte, às vezes chantagem emocional. Isolar esse agente é fundamental para que o mesmo pare com seu comportamento de manipulação e para que não arranje outras vítimas.

As crianças e os jovens precisam de acolhimento e proteção. É preciso repensar os valores e padrões da sociedade na qual vivemos e transformar as redes de relações sociais perversas.



Vanda Barreto Lopes –Psicóloga - CRP 05/1054 - Psicoterapeuta Reichiana
Pós-Graduação em Sociologia Urbana,UERJ/RJ Pós-Graduação em Psicopedagogia, UCAM/NF